



CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES

latindex  IDEAS EconPapers DOAJ  Dialnet

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CORDEL *CHUVA DE BALAS*, DE GUALTER ALENCAR: SINTAXE, SENTIDO E HISTORICIDADE

Edgley Freire Tavares¹

(Autor; edgleyfreire@uern.br)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Marcela Aianne Rebouças²

(Coautora; marcelareboussas@icloud.com)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Edgley Freire Tavares y Marcela Aianne Rebouças: “Uma análise discursiva do cordel chuva de balas, de Gualter Alencar: sintaxe, sentido e historicidade”, *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, (Vol 1, N° 4 abril 2021, pp. 136-150). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/contribuciones-ciencias-sociales/abril-2021/cordel-chuva-balas>

RESUMO

Na cidade de Mossoró (RN), desenvolve-se um dispositivo cultural, político e econômico relativo a uma produção de memória acerca da cidade e do seu passado, sobretudo em torno da história da Resistência local frente ao ataque de Lampião e seu bando em 1927, que é amplamente propagada nos meios publicitários, jornalísticos, artísticos e literários do município. Todos esses veículos de informação pintam um quadro glorioso para a cidade, atribuindo uma reputação negativa e vil aos cangaceiros. Neste artigo, demonstraremos como esse cenário se constrói, respaldando-se nos elementos da Análise do Discurso Francesa, tomando por escopo analítico o cordel *Chuva de balas*, de Gualter Alencar, cuja análise discursiva nos permitirá elencar elementos argumentativos e discutir a relação entre sintaxe, sentido e história.

Palavras-chave: Resistência, memória, discurso, cordel, Lampião.

A DISCURSIVE ANALYSIS OF CORDEL *CHUVA DE BALAS*, BY GUALTER ALENCAR: SYNTAX, MEANING AND HISTORICITY

¹ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e pesquisador do GEDUERN – Grupo de Estudos do discurso da UERN, Brasil.

² Discente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e pesquisador do GEDUERN – Grupo de Estudos do discurso da UERN, Brasil.

ABSTRACT

In the city of Mossoró (RN), a cultural, political and economic device was developed related to the production of memory about the city and its past, especially around the history of the local Resistance in the face of the attack by Lampião and his gang in 1927, which is widely propagated in the advertising, journalistic, artistic and literary media in the municipality. All of these information media paint a glorious picture for the city, giving a negative and evil reputation to the *cangaceiros*. In this article, we will demonstrate how this scenario is constructed, based on the elements of the French Discourse Analysis, taking Gualter Alencar's cordel *Chuva de Balas* as an analytical scope, whose discursive analysis will allow us to list argumentative elements and discuss the relationship between syntax, meaning and history.

Key-words: Resistance, memory, discourse, cordel, Lampião.

**UN ANÁLISIS DISCURSIVO DEL CORDEL CHUVA DE BALAS,
POR GUALTER ALENCAR: SINTAXIS, SIGNIFICADO E HISTORICIDAD**

RESUMEN

En la ciudad de Mossoró en el estado de Rio Grande del Norte/Brasil, se desarrolló un dispositivo cultural, político y económico en torno a la producción de las memorias sobre la ciudad y su pasado, especialmente en torno a la historia de la Resistencia local ante el ataque de Lampião y su banda en 1927, que es ampliamente conocida y propagada en los medios publicitarios, periodísticos, artísticos y literarios del municipio. Todos estos vehículos de información pintan una imagen gloriosa para la ciudad, dando un tono negativo y vil a los *Cangaceiros*. En este artículo demostraremos como se construye este escenario, a partir de los elementos de la análisis del discurso, tomando como ámbito analítico el *cordel Chuva de Balas*, de Gualter Alencar, cuyo análisis discursivo nos permitirá enumerar elementos argumentativos y discutir la relación entre las sintaxis, significado e historia.

Palabras clave: Resistencia, memoria, discurso, cordel, Lampião.

INTRODUÇÃO

No trabalho daqueles que fazem análise do discurso³ há sempre um pressuposto fundamental que embasa seu ofício, qual seja, a atitude reflexiva acerca do seu próprio campo de atuação, do *lugar* que exerce no campo dos estudos linguísticos. Gostaríamos de retomar esse e outros pressupostos que fundamentam a prática de análise do discurso antes de esboçar uma análise do cordel escrito por Gualter Alencar, no ano de 1999, intitulado *Chuva de Balas*⁴. Como pano de fundo, pretendemos discutir a relação entre sintaxe, sentido e história, e o faremos na apresentação prévia de duas regras próprias à prática discursiva AD francesa. I. No quadro geral de

³ Referimo-nos aqui à perspectiva de análise do discurso proposta inicialmente por Michel Pêcheux e um grupo de pesquisadores formado em grande parte por linguistas e historiadores, cujo advento ocorre na França em meados dos anos 1960, e especificamente, um desdobramento e abertura dessa perspectiva para a relação interdisciplinar na consideração da linguagem e seus efeitos simbólicos na produção dos sentidos, numa atitude que inclui na descrição do seu objeto a historicidade. Nesse aspecto, a presente discussão segue uma frente de pesquisa em Análise do Discurso que tem procurado fazer avançar o diálogo entre os postulados pecheutianos e as propostas teóricas de Michel Foucault.

uma semiologia histórica, tal como desenvolvida na França a partir dos paradigmas estrutural e pós-estruturalista, a consideração do problema do sentido pode vir a pressupor a afirmação de que a produção dos efeitos de sentido na linguagem é indissociável da sintaxe da língua, de seu carácter sistêmico. Retoma-se, pois, aqui, as ideias de que a língua é condição de produção de toda e qualquer discursividade, mas aceita-se, além disso, que a produção do efeito de sentido situa-se entre as dimensões intradiscursiva e interdiscursiva, no duplo funcionamento do discurso. II. A junta teórica-metodológica entre as dimensões sintático e semântica, do ponto de vista da Análise do Discurso Francesa, pode ser explicada pela atitude de agregar à análise do objeto teórico discurso a dimensão da historicidade.

Diante disso, pretendemos discutir esse triplo vértice – sintaxe, sentido e historicidade – apontando para os autores clássicos da AD e para trabalhos que de uma forma ou de outra expliquem essa relação, tomando por base a postura transdisciplinar que marca a prática discursiva de análise do discurso. Na sequência, buscaremos introduzir aspectos da perspectiva descritivo-interpretativista da AD e situar o que chamamos acima de dupla articulação da discursividade, tal como isso vem sendo debatido por pesquisadores no campo da linguística e do discurso. Após, tentaremos centrar a discussão na relação sintaxe, sentido e história na análise do citado texto de literatura de cordel como enunciado de uma formação discursiva da Resistência⁵, na cidade de Mossoró.

O duplo funcionamento do discurso

Os trabalhos mais atuais da Análise do Discurso de matriz francesa realizados no Brasil ainda fazem multiplicar as bases conceituais e tendências de estudo inicialmente definidas na cena acadêmica dos anos de 1960 a 1980 na França. De lá para cá tem se fortalecido o que muitos estão apontando como uma semiologia histórica, uma postura analítica que agrega continuidades e descontinuidades em relação à tradição linguística estruturalista.

O modo como hoje concebemos o objeto teórico discurso só foi possível no estabelecimento de uma série de retomadas e ampliações na tradição linguística, em especial, no limiar epistemológico aberto por Ferdinand de Saussure, precursor da linguística moderna, como sabemos, e o modo como seu objeto teórico – a língua como estrutura/sistema – foi definido dentro de uma episteme que possibilitou a apreensão das relações sociais por meio da linguagem, idealizando essa relação como um modelo abstrato estruturado como sistema linguístico, na priorização da sincronia e numa centralidade do significante. Essa retomada é feita por Puech (2011), ao historicizar a constituição de um paradigma semiótico-estrutural na França entre as décadas de 1950 e 1970, com o surgimento de autores como Barthes, Lacan, Lévi-Strauss, Greimas e Foucault, pensadores que de uma forma ou de outra foram responsáveis pela recepção das ideias de Ferdinand de Saussure e pelo estabelecimento de uma retomada crítica em relação às dicotomias propostas no curso de

⁵ A formação discursiva é uma noção foucaultiana relativa a uma ideia de conjunto discursivo-enunciativo, um princípio delimitador na descrição de enunciados. Eis as palavras do próprio Foucault (2007, p. 43): No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”.

linguística geral, cujo rigor científico-metodológico teria os inspirado em abordagens em diversos campos da teoria social e feito constituir o estruturalismo como moda epistêmica na cena francesa. Identificando três estruturalismos na França⁶, Puech (2011) situa o pensamento de vários autores e o modo como o conceito de estrutura pôde devir de diferentes formas das teses da linguística estrutural, e ampliar-se, sobremaneira, na postura epistemológica com que autores como Foucault trabalharam as tramas e interdiscursividades nos modos de produzir conhecimento sobre o homem e a sociedade.

Para este trabalho, importaria retomar a proposta histórico-estruturalista empreendida por Michel Foucault e o modo como seus trabalhos são fundamentais para muitos daqueles que praticam análise do discurso. As ideias foucaultianas ampliam consideravelmente a construção de um bojo teórico calcado nas noções de língua, sujeito e história, tríade que forma a base teórico-metodológica da Análise do Discurso Francesa e sua postura de análise empreendida em relação às materialidades do discurso. Ambientando-se particularmente nas ideias expressas pelo autor no primeiro arco de sua obra⁷, definido por seus comentadores e críticos como uma fase arqueológica, grande parte dos trabalhos em AD francesa derivados do grupo de Michel Pêcheux mobiliza noções foucaultianas como as de discurso, ou prática discursiva, formação discursiva, a descrição do enunciado em seu domínio associado, a interdiscursividade e a heterogeneidade discursivas, tudo isso, dentro de uma sistemática analítica que busca nas regularidades do dizível numa dada época e lugar os pontos de repetição e diferença que contraem entre si os gêneros de uma dada formação discursiva.

Antes de tratar dessa dupla articulação linguística e histórica que é o acontecimento discursivo, gostaríamos de situar um dos pressupostos fundamentais em Foucault (2007), delineado no livro *A arqueologia do saber*, publicado originalmente em 1969, momento em que na cena francesa evidenciava-se, conforme pontua Puech (2011), um estruturalismo especulativo que agrega uma postura reflexiva sobre o conceito de estrutura e conseqüentemente acerca do modo de descrever as relações sociais por meio do simbólico. Essa ampliação das teses estruturalistas linguísticas fundamentadas por Ferdinand de Saussure para pensar, conforme dispõe Puech (2011, p. 29), “a língua concebida como sistema de signos arbitrários e sobre a teoria do valor,” pode ser

⁶ A referência é feita a um estruturalismo científico, estabelecido em virtude de uma tendência filosófica da linguagem, um estruturalismo moderado, que desloca questões colocadas na tradição e trabalha sobretudo o discurso literário, caso do formalismo russo, e por último, um estruturalismo especulativo, onde há uma descontinuidade mais ampla e uma abordagem de ampliação das teses estruturalistas, por exemplo, nos trabalhos de Michel Foucault.

⁷ Respeitamos aqui o exercício analítico-interpretativo que muitos comentadores fazem à obra de Foucault, ao definirem três estágios ou momentos na construção de seu pensamento: (1) uma arqueologia dos discursos de saber basilares na constituição de uma episteme moderna que tematiza o homem em suas práticas sociais e modos de vida; (2) uma perspectiva genealógica que amplia a visão histórica-estrutural do autor e se propõe fazer avançar a relação entre saber-poder na constituição de subjetividades tomando por objetos de estudo diversos dispositivos culturais da sociedade e o modo como estes impactam nos modos de vida (o dispositivo prisional, o de sexualidade, e o familiar, por exemplo); e (3) uma última etapa, nitidamente interrompida pela morte do autor, em 1984, em que a noção de ética torna-se mais evidente, novamente por meio de um trabalho de cunho historicista que retoma narrativas e modos de vida da antiguidade para compreender o modo como os antigos viviam sua vida a partir dos códigos morais ou estéticos de sua época. Mesmo sendo relevante essa repartição na obra de Michel Foucault, até mesmo pelo critério de periodização empregado, preferimos pensar a obra desse autor a partir de sua própria postura teórica, de compreender o próprio pensamento numa perspectiva de história que considere a descontinuidade e a interdiscursividade, e perceber assim, que os temas iniciais de sua *démarche* como dizem seus críticos são retomados em trabalhos posteriores, da mesma forma que os temas secundários estavam de certa maneira presentes nas primeiras obras, mesmo que de forma embrionária. Desse modo, importa para a AD as contribuições de Foucault para pensarmos o discurso, o sujeito e a história, numa perspectiva que não considere a estrutura pela estrutura, mas a estrutura linguística, por exemplo, no modo como esta se situa em outras estruturas culturais, acadêmicas e institucionais diversas.

percebida nas teses de Michel Foucault na sua preocupação em descrever o enunciado em uma historicidade, princípio de sua “arqueologia” que encontramos descrito com boa margem de detalhes na referida publicação de 1969. Para Foucault (2007) o enunciado deve ser descrito em sua singularidade e em sua raridade, mais especificamente, na historicidade que é a sua condição singular de existência.

É bastante pertinente o modo como Michel Foucault procura identificar o nível da descrição dos enunciados na *A arqueologia do saber*. O nível histórico discursivo no qual Foucault (2007) localiza o enunciado faz com que o modo de sua descrição não o assemelhe a um sintagma e nem com nenhuma outra regra de construção gramatical, tão somente. É justamente este nível específico, o da historicidade, aquilo que permite que os signos sejam identificados como enunciados específicos. Veremos, pois, que o argumento central de Foucault é o fato de ser esse nível da historicidade aquilo que permite determinadas construções linguísticas se atualizarem como conteúdos semânticos, e não apenas como constituintes no plano da forma. A língua em suas articulações lineares são modos a partir dos quais os efeitos de sentido se estruturam para produzir determinadas relações temporais e espaciais, numa dada formação discursiva.

Conhecemos bem o exemplo utilizado por Foucault (2007) da máquina de escrever, do teclado, que da forma como ficam dispostos os caracteres, gramaticalmente ali não se constitui uma lógica interna, mas que se esses mesmos caracteres forem copiados numa folha de papel na mesma ordem em que aparecem na máquina de escrever, vão dessa forma os caracteres constituir um enunciado: enunciado das letras do alfabeto em uma ordem que facilite a impressão, enunciado de um grupo aleatório de letras que designa a ordem de disposição das letras no teclado da máquina. Essa ordem expressa na folha de papel se torna um acontecimento diferente e específico em relação à disposição das letras no teclado da máquina de escrever, e essa especificidade não diz respeito nem ao fato da repetição textual em si e nem ao fato de um sujeito ter lançado os signos numa folha de papel, apesar disso ser imprescindível. Diz respeito justamente à relação entre as duas ocorrências, sobretudo, aquilo que singulariza a segunda em relação à primeira, ou seja, aquilo que a ordem das letras do teclado, expressa na folha pôde significar: a ordem das letras tal como elas ocorrem numa máquina de escrever. Na máquina, a disposição dos signos constitui uma ordem, algo empírico, dado, e no segundo, a mesma ordem numa folha de papel produz um sentido acerca dessa ordem ou disposição (que se torna o referente de um enunciado historicamente específico e agrega também um objetivo enunciativo): trata-se da ordem alfabética adotada e institucionalizada como sendo a ordem oficial das teclas no teclado.

Tendo em vista essa correlação, coloca Foucault (2007) o seguinte:

Uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com “outra coisa” (que lhe pode ser estranhamente semelhante, e quase idêntica como no exemplo escolhido) uma relação específica que se refira a ela mesma – e não à sua causa, nem aos seus elementos (p. 100).

Essa relação, como pontua o autor, é a velha relação “do significante com o significado, e do nome com o que ele designa; da relação da frase com o seu sentido; ou da relação da proposição com seu referente (Foucault, 2007, p. 100)”. Diferentemente, entretanto, é na relação com a

memória discursiva e não apenas nos arranjos gramaticais isolados de sua constituição histórica e de seu funcionamento, aquilo que é constitutivo do enunciado discursivo e do seu modo de produzir sentidos, sua singularidade. A singularidade de cada enunciado é a sua própria relação de repetição e diferença com ele mesmo e com um já-dito (seu outro constitutivo), e posteriormente, com algo a ser dito, pois todo enunciado deixa potencialmente margens para outras manifestações discursivas. Nisso, o efeito de sentido é produzido na historicidade do dizer, na junção do plano formal com o plano do conteúdo, e além, pois que implica considerar outras relações simbólicas (linguísticas ou não) que possibilitaram tal ou tal enunciado surgir e produzir efeitos de real próprios de uma formação discursiva.

A questão passa a ser identificar justamente a singularidade dessa relação, do enunciado (materialidade discursiva e acontecimento histórico) com aquilo que é dito, tematizado, nominalizado e descrito na observação da relação entre a palavra e a coisa referenciada, que é na arqueologia algo diferente da abordagem apenas sistêmica que considera o linguístico pelo linguístico.

O duplo funcionamento do discurso considerado no trabalho do analista do discurso, que explica diferentemente a relação do nome com aquilo que ele enuncia, ou seja, a relação do enunciado com o seu referente numa dada formação discursiva, não é a mesma do jogo conceitual que localiza o lugar do nome ou de um sintagma nominal numa ordem sintática. Por ilustração, definir a função de um nome ou de um sintagma nominal pela categoria de sujeito oracional não dá conta do funcionamento da discursividade. Diferentemente das categorias tradicionais de frase, período, proposição e ato de fala, o enunciado histórico não se fecha em sua dimensão linguístico-textual tomada estritamente, no plano das relações internas ao sistema.

O nome é um elemento linguístico que pode ocupar diferentes lugares em conjuntos gramaticais: seu sentido é definido por suas regras de utilização (quer se trate dos indivíduos que podem ser validamente designados por ele, ou das estruturas sintáticas nas quais pode corretamente entrar); um nome se define por sua possibilidade de recorrência. Um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento; e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização (Foucault, 2007, p. 100-101).

Eis acima uma das particularidades do enunciado discursivo, acontecimento histórico, o de não se assemelhar ao seu fundo linguístico, e não se restringir ao seu conteúdo gramatical ou lógico. Recorrências textuais e as relações morfossintáticas contraídas no interior dos sintagmas e períodos não encerram por si mesmas as relações de sentido e os efeitos de memória que os enunciados contraem entre si em uma dada formação discursiva. É preciso entender que na abordagem foucaultiana o nível da descrição linguístico-histórica do enunciado é explorado tendo em vista uma diferença, uma descontinuidade do saber em relação à perspectiva de análise formal da linguagem. Nesse ponto, é que Michel Foucault trabalha diferentemente à esteira do estruturalismo linguístico (se assim quisermos pensar) as noções de língua, sujeito e história, e vai determinar que uma das condições que definem a singularidade de existência do enunciado é sua aparição e funcionamento em um domínio associado, obedecendo não a regras gramaticais, e sim as regras históricas que definem determinada prática discursiva.

Uma das passagens do terceiro capítulo de *A arqueologia do saber* (Foucault, 2007) é nitidamente autoexplicativa do modo como os enunciados contraem entre si relações específicas.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. Enquanto a construção gramatical, para se efetuar, só necessita de elementos e de regras; enquanto se poderia conceber, em termos extremos, uma língua (certamente artificial) que só serviria para construir, no total, uma única frase; enquanto, considerando-se o alfabeto, as regras de construção e de transformação de um sistema formal, se pode perfeitamente definir a primeira proposição dessa linguagem, o mesmo não acontece com o enunciado. Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola (p. 112).

Mesmo que haja um nível de descrição linguística autônomo que considere as unidades de análise da tradição formal, o recado foucaultiano fica bem dado: só é possível pensar em sintagmas, frases ou proposições na medida em que estas ocorrências tenham sido enunciadas em um campo enunciativo historicamente específico que permita que tais construções se sucedam, se ordenem, coexistam e desempenhem funções umas em relação às outras obedecendo a regras institucionais, culturais, sociais, científicas ou políticas específicas, históricas. O enunciado, em sua realidade de acontecimento, não é, pois, simplesmente uma unidade de conjunto significantes, ainda que essa materialidade lhe seja constitutiva, e sim uma dispersão de sentidos que faz com que tais unidades linguísticas produzam efeitos numa dada formação discursiva.

É desse modo que o analista do discurso vai considerar o discurso nesse duplo funcionamento linguístico e histórico, mantendo uma relação com a língua, mas claramente constituindo seu objeto a partir da consideração da historicidade. Em uma conferência de 1981, traduzida por Eni Orlandi, com o título de *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (2008) situa o desenvolvimento da AD exatamente na cena semiótica-estruturalista francesa e define o trabalho descritivo e interpretativo do linguista do discurso como uma tensão na qual a materialidade do discurso é algo ao mesmo tempo linguístico, pois a estrutura de base materializa certas relações interdiscursivas de sentido, mas só o é na caracterização de sua condição singular e histórica de existência. Desloca-se, pois, da centralidade do significante, para entender o espaço de fora como elemento da enunciação.

O objeto teórico do analista, o discurso, passa a ser algo considerado nos entremeios da língua e da história, o que entendo como sendo uma síntese perfeita do trabalho foucaultiano sobre o discurso, o sujeito e a história e o modo como isso pode ser incorporado à análise do discurso (Tavares, 2010). Em outro texto, Michel Pêcheux atribui a este duplo funcionamento da discursividade a condição do modo como a língua entra na discursividade do arquivo, “como

inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.” (Pêcheux, 1997, p. 63). O arquivo, outro conceito foucaultiano (2007), é a dispersão enunciativa de uma dada época relativa a um tema, um referente ou objeto de um discurso, e toda e qualquer enunciação só poderá ser apreendida no espaço dessa dispersão. Esse duplo funcionamento implica uma série de procedimentos de análise, entre os quais, a definição de que o trabalho com as materialidades do discurso constitui um trabalho de descrição e interpretação.

Em outros termos, preferiríamos dizer que o analista do discurso agrega enunciados próprios ao lugar do linguista, bem como articula enunciabilidades outras, no campo das ciências sociais e humanas, dada a interdisciplinaridade que caracteriza sua prática. Dessa forma, é a postura historicista que define seu movimento de descrever e interpretar enunciados, e essa sua posição social e teórica vai aparecer na leitura do enunciado, algo que implica aproximar-se de teorias e metodologias outras que o ajudem a fundamentar a explicação do funcionamento do discurso, que é como vimos, algo linguístico, cultural, social, acadêmico e mesmo político. Entre outras coisas, a interpretação passa a constituir uma dobra no trabalho com as materialidades, pois do lugar de pesquisador, o que se busca por meio de uma interpretação na leitura do enunciado objeto de análise é justamente desconstruir o modo como determinada materialidade pôde produzir determinadas interpretações na atualidade.

Com isso em mente, torna-se oportuno evidenciar, antes de tratarmos da análise discursiva do cordel supracitado, as características e particularidades desse tipo de literatura, demonstrando sob que cenário e com que propósito ela surge. Isso, por sua vez, diante do que nos propomos a realizar, fomentará uma observação mais abrangente.

Originário da Europa e introduzido no Brasil durante o século XIX através dos portugueses, o cordel, tal como se conhece hoje – apresentado em folhetos com capas ilustradas, marcado pela oralidade e musicalidade – sofreu influência das tradições culturais dos colonizadores, herdando traços das cantigas trovadorescas, conforme aponta Negrão (1975, p. 137). No país, essa manifestação literária recebe maior destaque no nordeste do país, pois a princípio, servia como um veículo de informação, permitindo que as camadas mais populares se mantivessem a par dos acontecimentos. Assim, o cordel tornou-se muito apreciado.

Com o passar do tempo, introduziram-se temas do cotidiano, o que conferia aos folhetos um caráter não apenas informativo. Por fazer uso do uso da linguagem coloquial, guarnecido de humor, ironia e sarcasmo, os cordéis entretêm aqueles que os leem. Ao passo que demonstram características da oralidade e da cultura brasileira, tratando de temas religiosos, políticos, folclóricos, relacionados ao cangaço, dentre muitos outros, essa literatura faz um fiel relato da cultura nordestina. É por este motivo que Silva e Souza (2006) caracterizam o cordel como uma fonte de ampla exploração:

A diversidade de informação constante nesses textos propicia o acesso à vivência cultural de um determinado povo. Embora algumas características desses folhetins sejam gerais, cada lugar marca a sua obra de acordo com a sua realidade e seus conhecimentos (p. 217).

Assim, por abordar e fazer um retrato das características regionais, percebemos a riqueza cultural presente em cada um dos versos dos cordéis, que são estampados pelo nordeste brasileiro e

seus costumes. É diante dessa perspectiva, cômicos de que cada lugar apresenta em suas produções literárias características e elementos ímpares, que nos propomos a analisar o cordel *Chuva de bala*, que surge diante do quadro de Resistência da cidade de Mossoró e sustenta, como observaremos adiante, uma imagem específica da cidade, sob a qual se firma e se perpetua.

Firmar um elo entre os elementos da AD – como memória, historicidade e enunciado – e as características delimitadoras do cordel em questão, bem como os demais temas apresentados nesse quadro teórico, dos quais traçamos apenas uma ligeira visão, nos permitirá passar adiante e considerar a relação entre sintaxe, sentido e história.

METODOLOGIA E ANÁLISE

O cordel *chuva de balas*: sintaxe, sentido e história na análise do acontecimento discursivo

A descrição e a interpretação é um duplo constitutivo no fazer da AD, e nos parece justificável assumir – a esteira dos trabalhos de Michel Foucault – que agrega-se à segmentação própria do ofício do linguista que descreve a língua, outra forma de descrição, a do enunciado em sua historicidade. Em termos de análise, tendo em vista um *corpus* constituído com esse fim, a descrição histórica representaria um procedimento inicial fundamental, na organização e seleção das materialidades discursivas constitutivas desse *corpus*. Pensando a pesquisa em comunicação, Lopes (2005) discute nesse sentido e coloca a descrição como uma fase intermediária entre a observação inicial dos dados e a fase de interpretação. Baseada em um conjunto de operações técnicas e de análise, o procedimento descritivo segue dois passos: seleção e classificação dos dados de análise, onde se busca empreender um efeito de conjunto ou uma categorização visando encontrar campos de sentido, além de permitir verificar a abrangência do fenômeno estudado e um contato prévio com a documentação que constituirá objeto de análise. O segundo passo apontado por Lopes (2005) diz respeito aos procedimentos propriamente analíticos que consolidam o objeto de análise e tende a situá-lo como algo coerente, delimitado tendo em vista as questões de pesquisa.

Do lugar da AD francesa é preciso considerar o cordel como o objeto empírico aqui proposto, lançado à condição também de objeto discursivo ou acontecimento discursivo. Assim, dada a postura analítica a ser empregada para sua compreensão, o cordel de Gualter Alencar, que tematiza o episódio da Resistência de Mossoró ao bando de Lampião, no ano de 1927, deve ser observado, inicialmente, tendo em vista a formação discursiva que lhe é própria e suas regras de construção, já que este cordel contrai em relação a muitas outras manifestações semióticas em Mossoró, a vontade de verdade de inscrever no imaginário local certos sentidos sobre o passado, e nisso, produzir uma memória discursiva sobre o passado da cidade. Tudo isso implica dizer que o lugar do cordel *Chuva de balas* de Gualter Alencar é numa série enunciativa específica, constitutiva do que se propõe como o Discurso da Resistência⁸. Além disso, uma ressalva se faz necessária, e no sentido de deixar claro que a descrição e interpretação não ambicionam, aqui, ir além do que já foi explanado a respeito dessa manifestação literária, de modo a realizar uma análise do cordel enquanto gênero literário, ou

⁸ Ao sintagma Análise do Discurso se atribui o sentido do conjunto formado por: produção da mídia local, obra de historiadores, literatura de cordel e outras linguagens que fazem funcionar sentidos e efeitos de real sobre a Resistência, na cidade de Mossoró.

expressão literária popular, no sentido de explicar-lhe a composição formal do cordel, o esquema de rimas e outros pormenores que estudos de literatura de cordel podem abarcar. O interesse recai para o cordel enquanto materialidade linguística e histórica de uma formação discursiva específica, e nisso, a análise irá mostrar a produção dos efeitos de sentido no modo como o cordel tematiza a Resistência de Mossoró ao bando de Lampião, inserindo-se nessa produção de memória específica.

Dito isso, agora é possível adentrar na discussão que o presente texto de propósito a deixava em suspenso: a consideração dessa historicidade do enunciado e sua relação com a sintaxe e a produção de sentidos. Primeiramente, voltemos um pouco na discussão, e para reforçar a dupla constituição do discurso, tratar um pouco da dimensão linguística no trabalho com as materialidades discursivas em AD. No ensaio *Uma relação fundamental com a língua*, Gadet (2011, p.104) apresenta a relação da AD com a tradição linguística da seguinte forma:

A Análise de discurso Francesa caracteriza-se, de maneira geral, pela importância concedida à problemática da língua: daí o fato de que a linguística é tão fundamental à Análise de discurso, quanto à problemática do discurso à linguística.

Evidentemente, se problemática, essa relação com a língua, objeto teórico, mantida na AD, é na verdade, uma retomada crítica e até certo ponto subversiva, cujo deslocamento nos leva à definição de discurso, retomada nesse texto. Para Gadet (2011) essa relação de continuidade e descontinuidade em relação à língua pode ser sintetizada em se observando os fenômenos discursivos além da frase, para considerar a enunciação, não apenas do produto enunciado, e apontar para uma adesão à problemática da subjetividade na linguagem, e na percepção da linguagem em funcionamento, nos mais diversos domínios sociais. Nesse texto Gadet (2011) lança um argumento que nos parece crucial na delimitação de nossa análise, pois ele propõe que a teoria do discurso possibilitou, entre outras perspectivas, o que ele chama de acesso aos fenômenos enunciativos pela forma. Segundo nos propõe o autor, isso se torna possível quando consideramos diferentemente a materialidade da língua, identificando os elementos formais e estudando o papel dessas categorias na interpretação semântica. Desse modo, tal assertiva possibilita que se aponte, aqui, a possibilidade de que velhas categorias da tradição gramatical ou retórica possam ser trazidas para a descrição linguística e histórica, e possibilitar uma interpretação mais sustentada por meio da leitura do enunciado na discursividade do arquivo.

É nesse ponto que lançamos a hipótese de que a perspectiva historicista-estruturalista da AD pode retomar alguns dos princípios da linguística descritiva, onde normalmente vemos uma exploração mais sistemática do domínio da sintaxe da língua. Em *Princípios de linguística descritiva*, Perini (2006) trata da relação entre sintaxe e semântica, girando em sua proposta o argumento de que “o princípio básico da descrição gramatical é o descrever as formas, os significados e as relações entre forma e significado (relações simbólicas).” (p. 49). Descrever linguisticamente envolve uma operação fonológica, lexical, sintático-semântica e cognitiva, que implica percorrer ao seu modo a dupla constituição da língua (forma e conteúdo). Em relação à articulação sintático-semântica, a descrição linguística pressupõe o reconhecimento das regras de funcionamento interno da língua: I. regras sintáticas, a partir das quais se pode descrever a organização interna das sentenças; II regras

semânticas ou de interpretação, que possibilitam descrever a relação das regras morfossintáticas com seus respectivos significados, na constituição do jogo simbólico.

A descrição linguística é uma operação que se inicia com a segmentação das sentenças, procedimento pelo qual se encontra os constituintes linguísticos, caso dos sintagmas (sequências que formam constituintes) em construções verbais e mesmo nominais. Restaria considerar a relação entre sintaxe e sentido reconhecendo a hipótese lançada por Perini (2006, p. 75) de que “todo traço formal na língua corresponde a algum conteúdo semântico, ou seja, nenhum traço formal na língua seria semanticamente inútil”. Acontece que vimos na primeira parte desse texto que as relações simbólicas entre forma e conteúdo não se resolvem a não ser que reconheçamos que a existência do enunciado é histórica, e que é justamente esta singularidade da enunciação aquilo que possibilita que o plano do conteúdo possa materializar-se no fio do discurso, na sintaxe da língua. Isso soaria mais simples se dissemos que a sintaxe é um modo de estruturação de relações não linguísticas, é parte de um domínio de memória e sua materialidade não se restringe ao funcionamento de regras gramaticais, como explicita Foucault (2007), já que devemos considerar as regras de formação dos respectivos discursos cujos modos de enunciação possibilitam essa ou aquela construção.

Entre esses fenômenos a partir dos quais teríamos acesso à produção de efeitos de sentido na tensão forma e historicidade estão os mecanismos da metáfora e da metonímia. Vários estudos sérios foram realizados em relação a estas categorias linguísticas. Contudo, poucos tiveram a profundidade e o brilho do já clássico texto do linguista russo Roman Jakobson intitulado *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, que faz parte da coletânea *Linguística e Comunicação*. Nele, a metáfora e a metonímia são descritas os dois polos constitutivos e indissociáveis da linguagem: “a competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social.” (Jakobson, 2007, p. 60).

Na descrição de Jakobson (2007) a linguagem é colocada numa tensão entre esses dois tropos, dois tipos de conexão, estabelecidos pela contiguidade posicional e/ou semântica no caso da metonímia, e na combinação ou contraste de relações de similaridade, igualmente estabelecidas ou no plano da forma ou no plano do conteúdo, ou em ambos. Interessante notar, como o faz Edward Lopes, linguista brasileiro, que as correlações paradigmáticas na língua estão baseadas numa similaridade que indica semelhança de comportamento linguístico, e tal similaridade mobiliza substituições de elementos equivalentes ao longo do eixo vertical ou virtual das escolhas linguísticas. Como deriva das propostas da linguística estruturalista, essa escolha realizada paradigmaticamente é acionada no eixo horizontal do discurso, constituindo a linearidade e a sintagmaticidade da língua. Para Lopes (2008) é nesse duplo funcionamento da linguagem que devemos pensar as figuras de linguagem metonímia e metáfora como funcionamentos que agregam os planos da forma e do conteúdo.

Se a metáfora é uma figura engendrada no interior dos paradigmas, a metonímia é uma figura engendrada no eixo sintagmático. Com efeito, o sintagma é metonímico: sendo uma unidade discursiva mínima, formada por um conjugado binário, cada um dos dois elementos que a formam é parte de um todo e nenhuma delas é autossuficiente (Lopes, 2008, p. 93).

DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A contiguidade relativa ao funcionamento da metonímia ou do funcionamento sintagmático da linguagem não é algo que se refere apenas à proximidade de significantes, mas deve-se, também, a uma proximidade de sentido. Ainda segundo Lopes (2008) o desenvolvimento de um discurso desdobra-se sempre em duas linhas semânticas: um dado tema do discurso pode levar a outro por meio de similaridades (metaforicamente), ou através de um processo metonímico. Gostaríamos agora, por fim, de tentar perceber esse duplo funcionamento linguístico e histórico na produção de efeitos no texto de Gualter Alencar, nas três primeiras estrofes:

[1a] Eu sou mossoroense
 [1b] E vou contar a história
 [1c] De um bandido lutador
 [1d] Que todos tem em memória
 [1e] Que foi o Rei do cangaço
 [1f] Pela sua trajetória

[2a] Eu estou me referindo
 [2b] Ao bandido Lampião
 [2c] O Virgulino Ferreira
 [2d] Cangaceiro do Sertão
 [2e] O violador da honra
 [2f] De Todo bom cidadão

[3a] Um bandido violento
 [3b] Truculento e sanguinário
 [3c] Porque sem necessidade
 [3d] Mudou o itinerário
 [3e] Da cidade Mossoró
 [3f] De um povo extraordinário

Esse trecho do cordel materializa nitidamente as regras de formação do Discurso da Resistência no espaço simbólico da cidade de Mossoró. A especificidade desse cordel, cujo trecho inicial retoma as escolhas temáticas e a produção de efeitos de sentido sobre a cidade diz respeito ao modo singular com que essa modalidade enunciativa produz efeitos de real na retomada de toda uma memória discursiva que vem sendo produzida na cidade, e o faz de forma específica como forma de entrar nessa ordem constitutiva. A narrativa do cordel materializa três aspectos característicos das regularidades discursivas entre a literatura de cordel e dos demais gêneros nessa formação discursiva. Há uma caracterização acerca dos cangaceiros, de Lampião e do seu bando, há uma retomada da marcha que o grupo dos cangaceiros faz desde que chega no Rio Grande do

Norte até a entrada em Mossoró (o acontecimento da invasão), e há em menor proporção (no caso específico do texto de Gualter Alencar) uma caracterização do povo de Mossoró, e finalmente, uma representação do confronto entre o grupo dos cangaceiros e os chamados resistentes mossoroenses (o acontecimento da Resistência).

É justamente a caracterização do bando de Lampião aquilo a que mais se prende o cordelista, o que pode ser justificável a partir da própria cultura mossoroense, e da produção de uma memória local que está muito relacionada ao próprio mito do cangaço. No que diz respeito à descrição/interpretação dos efeitos de sentido produzido nesse cordel, chama a atenção, no trecho destacado, o movimento linguístico e histórico de tematização da figura de Lampião, movimento este que se a discussão aqui estiver coerente, pode ser explicado pelo duplo processo metonímico e metafórico da linguagem.

Enquanto tema nessa materialidade literária discursiva, [2b] (a) *o bandido Lampião* é retomado e mesmo situado previamente a partir de uma série de conexões metafóricas e metonímicas, como no próprio adjetivo “bandido” presente como constituinte do SN *O bandido Lampião*, estabelecendo assim uma contiguidade sintática e semântica na tematização da figura de Lampião, contiguidade, aliás, também construída semanticamente a partir da ativação da memória sobre esse personagem histórico e mítico que é o cangaceiro Lampião. Essa dupla relação de similaridade e contiguidade é preestabelecida já em [1c], na articulação metafórica por outro SN, um bandido lutador, exerce no funcionamento dessa discursividade uma substituição por outro sinônimo para cangaceiro, uma similaridade semântica que no plano do efeito de sentido vai fortalecer a construção no texto lido da ideia de Resistência mossoroense ao bando de Lampião, pois na discursividade da Resistência há sempre uma correlação de repetições e paráfrases, retomadas e contrastes entre os temas desse discurso. Há nesse trecho inicial uma tematização da figura de Lampião e o estabelecimento de efeitos de sentido que cruzam um domínio da memória local produzindo a ideia acerca do líder dos invasores, daquele que [3d] *Mudou o itinerário* [3e] *Da cidade Mossoró* [3f] *De um povo extraordinário*.

Claramente, esse duplo constitutivo da discursividade (a memória e a atualização desse já dito no fio do discurso) se mantem ainda na primeira estrofe, quando uma memória discursiva é acionada na tematização de Lampião: [1e] *Que foi o Rei do cangaço*, que linguisticamente constitui outro sinônimo (outra similaridade linguística e semântica) que estabelece no fio do discurso/intradiscurso um comportamento semântico semelhante em relação a [2b] *Ao bandido Lampião*, e certamente, também, uma contiguidade no plano semântico-discursivo. Essa predicação do tema ou tópico “Lampião” continua na retomada que o cordelista faz em [2e] *O violador da honra*, [3a] *Um bandido violento* e [3b] *Truculento e sanguinário*, produzindo um efeito de real acerca sobre o acontecimento da passagem dos cangaceiros no RN, reproduzindo certas regularidades da discursividade da Resistência, relativas aos bandidos e invasores da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ponto, seria importante reiterar que o funcionamento metafórico e metonímico desse trecho do cordel *Chuva de balas*, de Gualter Alencar, no modo como tematiza e produz um efeito de verdade sobre o cangaço e sobre a personagem Lampião, é um funcionamento sintático e semântico que só pode ser descrito no duplo funcionamento do discurso a que me referia no início desse trabalho, ou seja, na historicidade que possibilita todo esse movimento de predicação construído no plano sintático pelos SN e seus constituintes, mecanismo linguístico retomado pelo cordelista que do ponto de vista da AD francesa não pode ser descrito e interpretado fora de toda uma memória discursiva inscrita na cultura mossoroense e na própria relação desse fragmento de discurso com outros enunciados constitutivos desse Discurso da Resistência.

Percebemos, então, que o panorama épico e nobre que se traça em relação ao município, caracterizando-o e concedendo, através da resistência ao ataque de Lampião, um olhar negativo e maléfico aos cangaceiros, só é possível graças à historicidade e a memória discursiva, que se firmam como alicerces para a construção do sentido tal qual se estabelece na atualidade. Para finalizar, julgamos perspicaz dizer que o funcionamento metafórico operacionaliza a memória e a modaliza de certo modo, por um processo metonímico, e que no trecho do cordel analisado, essas relações metafóricas e metonímicas produzem substituições e contiguidades específicas – em grande parte sinonímicas – que somente podem ser compreendidas se descrito a materialidade na discursividade do arquivo da Resistência.

REFERÊNCIAS

- Dias, K.; Belisario, D.; Albuquerque, M.. (2021). Pelejas na literatura popular de cordel: construindo temas. *Biblionline*, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 122-140, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2TfCUGV>>
- Couto, G. (1999). *Chuva de balas*. Coleção Queima-Bucha de Cordel n.11. Mossoró: Queima-Bucha.
- Gadet, F. (2011). Uma relação fundamental com a língua. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Editora contexto.
- Foucault, M. (2007). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária.
- Lopes, M. (2005). *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lopes, E. (2008). *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.

Negrão, M. (23, jun 1975). Introdução à Literatura de Cordel. Revista Letras, [S.l.] ISSN 2236-0999.
Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19663>>.

ORLANDI, E. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Pêcheux, M. (2008). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas/SP: Pontes editores.

_____. (1997) Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Editora da Unicamp.

Puech, C. (2011). Emergência de um paradigma semiótico-estrutural na França. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz.

Perini, M. (2006) *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial.

Silva, F.; Souza, E. (2006). Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. *Inf. & Soc.: Est., João Pessoa*, v. 16, n. 1, p. 215-222.

Tavares, E. (2010) *O masculino em revista: mídia, discurso e modos de subjetivação afetivos-sexuais*. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.